

ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE NO ROMANCE *O CAMINHO DE CASA, DE YAA GYASI*

ANCESTRY AND IDENTITY IN THE NOVEL HOME GOING, BY YAA GYASI

Dossiê:

Literatura e teoria de autoria negra no Atlântico Sul



ORGANIZADORAS:

Adrinana de F. A. L. Barbosa



Anna Herron More



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 33, n. 66, dez. 2024
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 22/07/2024

Aceito em: 06/12/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Fernanda Favaro Bortoletto  

UEM | ffbortoletto@hotmail.com

Geniane Diamante Ferreira  

UEM | gdf Ferreira@uem.br

Resumo/Abstract

Este estudo tem como objetivo analisar as representações da ancestralidade no romance *O caminho de casa* (2017), da autora ganense Yaa Gyasi. O trabalho apresenta um recorte da dissertação de mestrado de uma das autoras e apresenta primeiramente o romance sob foco e então as relações ancestrais entre os personagens entre si e também com o próprio continente africano. Como esse é um romance eivado de personagens femininas, não olvidamos de tratar a questão de gênero, mesmo porque a África, em si, se configura como a mãe, o útero da humanidade. Para abordar o tema da ancestralidade, nos atemos a alguns dos símbolos da obra e nos pautamos na teoria de Smolka (2000) e Oliveira (2005). Já quanto à pauta do gênero, correlacionada com o pensamento e história de Gana, lançamos mão da fundamentação teórica fornecida por Heide Göttner-Abendroth (2013) e Blay (2009).

Palavras-chave: ancestralidade, identidade, literatura pós-colonial.

This study aims to analyze the representations of ancestry in the novel *Homegoing* (2017), by the Ghanaian author Yaa Gyasi. The represents a selection from the master's thesis of one of the authors and first presents the novel in focus and then the ancestral relationships between the characters and also with the African continent itself. As this is a novel full of female characters, we do not forget to address the issue of gender, especially because Africa itself, is configured as the mother, the womb of humanity. To approach the theme of ancestry, we focus on some of the symbols in the book and are guided by the theory of, Smolka (2000) and Oliveira (2005). As for the gender issue, correlated with the thought and history of Ghana, we used the theoretical foundation provided by Heide Göttner-Abendroth (2013) and Blay (2009).

Keywords: ancestry, identity, post-colonial literature

INTRODUÇÃO

O estudo da ancestralidade está intimamente relacionado com as teorizações que tratam sobre a questão da memória. Desde seus primeiros estudos teóricos acerca desse tema, estudiosos e cientistas da área da psicologia e da medicina buscaram estabelecer regras e princípios na tentativa de compreender esse fenômeno. Com o passar do tempo, procurou-se uma teorização a respeito da formação da mente, procurando “entender as condições, os modos de produção e as práticas que envolvem motivos e formas de lembrar e esquecer, maneiras de contar, de fazer e registrar histórias” (SMOLKA, 2000, p. 168). Ao entrar em contato com essas teorias, constatamos que muitos desses estudos investigam o fenômeno memorialístico levando em conta os processos psicológicos e biológicos dos seres humanos para a sua apreensão, combinados aos processos sociais.

No entanto, apesar de essas teorizações debaterem alguns conceitos essenciais dos estudos memorialísticos, nelas, não é frequente a sua abordagem juntamente com o conceito de ancestralidade. E isso se dá pelo fato de as teorizações sobre memória em si não levarem em conta a sua relação com os corpos negros. A partir do momento que a existência negra é posta em questão, surgem questionamentos e perspectivas a serem endereçados que vão além de processos psicológicos e biológicos.

Assim, este estudo, à luz de escritos teóricos que versam sobre a ancestralidade, objetiva analisar as representações da ancestralidade no romance *O caminho de casa*, da escritora ganense Yaa Gyasi. O livro foi publicado em 2017 e escrito após a autora visitar seu país natal durante seu curso de graduação e ficar impressionada e sensibilizada com informações históricas de Gana que nunca havia aprendido em nenhuma disciplina ou em nenhum livro de história antes.

Começaremos este estudo com uma breve contextualização do enredo da obra, seguida da investigação analítica da identidade das personagens que a compõem, bem como suas ações, diálogos e outros elementos simbólicos a elas relacionados.

O ROMANCE *O CAMINHO DE CASA* (2017)

O romance de Yaa Gyasi foi publicado em 2016 com o título original *Homegoing*, sendo lançado em português no Brasil em 2017, pela editora Rocco. A obra é o romance de estreia da escritora ganense e retrata a vida de uma família no decorrer de séculos na história, a partir da separação das irmãs Effia e Esi.

A história inicia-se com o capítulo intitulado Effia, que relata o incêndio ocorrido no dia do nascimento de Effia Otcher na aldeia Fanti e a fuga de sua mãe, Maame. Ela era escravizada nessa aldeia e, na fuga, consegue voltar para a aldeia Axânti, onde passa a viver sua vida livremente casada com o Grande Homem Asare, pai de sua filha Esi Asare. Mais tarde, Effia casa-se com James Collins, o governador do Castelo de Cape Coast que buscava a aldeia para fazer trocas comerciais, e muda-se para o castelo, vivendo e construindo sua família sobre os calabouços repletos de povos capturados e escravizados pelos soldados brancos.

No capítulo seguinte, lemos a história de Esi Asare, a irmã de Effia, que foi capturada pela aldeia Fanti e levada para o Castelo de Cape Coast para ser escravizada e, posteriormente, enviada em uma embarcação para os Estados Unidos para ser explorada nas plantações de algodão em grandes fazendas de proprietários brancos.

O livro continua com o relato da vida dos membros da geração seguinte de cada irmã de maneira alternada, compondo um total de catorze capítulos. A trajetória da família revela a maneira como o período escravocrata impactou e continuou a impactar seus integrantes até os dias atuais, mesmo aqueles que não foram diretamente submetidos às suas atrocidades e violências.

Por se tratar de uma ambientação que perpassa séculos, a lista de personagens que compõem a narrativa é ampla, sendo necessária a indicação de uma árvore genealógica no início do romance para auxiliar o leitor no decorrer da leitura. Neste estudo, como realizaremos um recorte de uma temática presente na obra e nem todos as personagens serão mencionadas, optamos por explicar o parentesco de cada personagem conforme ela é apresentada e analisada posteriormente.

RELAÇÕES ANCESTRAIS

A ancestralidade é uma área de estudo diretamente relacionada com os povos negros. Para o professor nigeriano Wale Adebani (2008, p. 442, tradução nossa), “os ancestrais ocupam um espa-

ção central nas cosmologias e práticas sociais africanas”, sendo importantes para a agência coletiva negra. Ou seja, a realização da cultura e o pensamento do passado para os sujeitos negros estão relacionados à figura ancestral, esses povos voltam-se a um sentido coletivo de pertencimento, não necessariamente a um sujeito histórico em particular.

O regresso ao passado também se refere ao presente, pois a ancestralidade é um fenômeno incorporado nos corpos dos sujeitos negros. De acordo com o filósofo brasileiro Eduardo David de Oliveira (2005, p. 126), esse tipo de memória é construído como consequência do “movimento de contatos e conflitos que se deram e se dá na esfera social, política, religiosa e corporal”. Com suas palavras, podemos pensar que a existência negra é historicamente permeada por enfrentamentos de todas as esferas da sociedade que, juntamente com sua herança de riqueza cultural e religiosa, faz de seus corpos a materialização do passado ancestral.

Muito além de algo materializado nos corpos negros, a ancestralidade está vinculada profundamente com o território africano, pois é “uma categoria sapiencial que brota do solo e, telúrica que é, se embebece da seiva que corre na forma cultural africana: a terra” (OLIVEIRA, 2005, p. 271). Por essa razão, encontramos inúmeras referências ao passado ancestral na literatura de Gyasi e na arte de outros autores negros, por constituir toda a essência e o corpo negro mediante seu vínculo poderoso com a terra.

Para compreender mais a fundo o conceito, examinaremos a ideia de Filosofia da Ancestralidade, concebida por Oliveira (2005), por meio da qual o teórico tenta demarcar o caráter do tempo na sociedade africana, regida pela premissa da ancestralidade. Nas palavras do filósofo,

o tempo da ancestralidade não é o tempo desbotado pelo desencantamento produzido na modernidade. O tempo ancestral é de um universal unguído na trama do espaço. [...] por isso não é um tempo linear, por isso não é um tempo retilíneo. Ele é um tempo que se recria, pois, a memória é tão somente um mecanismo de acesso à ancestralidade que tem como referência o corrente (OLIVEIRA, 2005, p. 249-250).

Sendo o tempo da ancestralidade não linear, a categoria une-se à do espaço para configurar um tipo de memória que é vivida e revivida a todo instante pelo corpo negro, que também tem caráter ancestral. A filosofia criada por Oliveira (2005) conceitua que o corpo negro constitui a terra e é fruto dessa mesma terra, sendo ele uma “trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade. Por isso é preciso fazer o movimento da volta, mas volta não é retrocesso” (OLIVEIRA, 2005, p. 131).

Com a teoria de Oliveira (2005) podemos aprender a respeito da complexa relação com o passado ancestral vivenciada pelos povos negros a partir de sua desterritorialização na Diáspora Negra. Os corpos estão profundamente marcados por sua terra originária pois eles próprios são ancestrais. O movimento de regresso às raízes africanas e às tradições específicas do continente africano não é uma simples regressão a um passado distante — o qual, por vezes, nunca foi vivido de fato —, é um fenômeno que cria um espaço-tempo, ao mesmo tempo ancestral e presente, e rege e constitui os corpos negros.

O percurso da ancestralidade aqui delineado é essencial para a compreensão do cerne do romance *O caminho de casa*. Todas as personagens manifestam sua íntima relação com o tempo ancestral, seja por intermédio de diálogos, pensamentos ou ações. A ancestralidade inscrita nos corpos das personagens da obra é apresentada de duas maneiras: um desejo de retorno à terra, à origem africana enquanto espaço; e uma retomada das raízes familiares e suas tradições.

Assim, para os protagonistas que deixaram Gana e seus descendentes, como Esi, o primeiro tipo de relação ancestral é aparente. Por exemplo, Esi, que foi desterritorializada no regime escravista, conta com tristeza histórias de como foi arrancada de sua terra para embarcar no “Barco Grande” para sua filha Ness. Além disso, constatamos em Marjorie o desejo de regressar a Gana, para vivenciar a cultura herdada de sua família, como será melhor explorado posteriormente. Marjorie é a última descendente de Effia na obra de Gyasi, antes dela, temos cinco personagens que viveram sua vida no território ganense, sendo seu pai Yaw, o primeiro da linhagem a migrar-se para os Estados Unidos, embora ainda mantendo conexões familiares, físicas e espirituais com o território africano.

Outra personagem que vive a mesma geração que Marjorie é Marcus, sendo o descendente de Esi. A partir da desterritorialização em Gana, todos os sucessores de Esi encontram-se perdidos de

sua terra original, sofrendo, ao longo dos séculos, as atrocidades da escravização de povos africanos e seus efeitos até a atualidade. Na narrativa, Marcus demonstra o interesse de investigar a história familiar e estudar o sistema de mão-de-obra prisional das minas de carvão, sucedido da época de seu bisavô, nomeado apenas com a inicial H.

Assim, consideramos neste estudo que, para a personagem masculina Marcus, há um caso indireto de desejo de retorno ao lar. Ele demonstra o desejo de regresso ancestral de modo velado, visto que ele revive suas origens por meio do estudo do movimento negro e do racismo nos Estados Unidos. Para sua pesquisa, a personagem dedicou-se a conhecer e estudar a história de sua família, para poder compreender o passado para além dos dados históricos encontrados em bibliografias sobre o período. Assim, inicialmente, Marcus não exprime uma vontade de retornar ao território africano enquanto espaço físico, mas inferimos que seu interesse nas questões raciais e de direitos dos povos negros sugere um resgate às origens.

Além disso, citamos a referência do nome dessa personagem com o líder Marcus Garvey responsável pelo movimento *Back to Africa* nas primeiras décadas do século XX no Harlem. O ativista defendia o retorno ancestral físico e espiritual para o continente africano, além de lutar contra o preconceito racial e buscar empoderar sujeitos negros sobre sua história e culturas. Ao analisar o plano de estudo da personagem Marcus, podemos aproximar sua pesquisa com o movimento que Garvey concebeu. A personagem de Gyasi voltou-se para sua ancestralidade para melhor compreender a história e os direitos dos povos negros que habitavam nos Estados Unidos. Veremos, ainda neste capítulo, que seu retorno físico e espiritual à África se concretizou definitivamente com a ajuda da personagem Marjorie.

Quanto à manifestação ancestral referente ao regresso às raízes familiares e suas tradições, julgamos que essa forma é mais frequente da obra, visto que desde o início do romance cria-se uma simbologia a partir da figura do pingente de pedra negra. Existem duas pedras na obra, as duas foram um presente de Maame para suas filhas Effia e Esi. O amuleto é guardado por Effia e todos seus descendentes, até o momento de clímax e desfecho do romance, quando Marjorie dá a sua pedra da família para Marcus, num ato significativo de retorno ancestral, como discutiremos mais adiante.

O amuleto de Esi é perdido na ocasião em que ela é retirada do calabouço do Castelo Cape Coast para ser enviada para além do Atlântico. Enquanto todos os descendentes de Effia voltam-se à pedra negra como forma de busca ancestral, os herdeiros de Esi veem-se desterritorializados e perdidos pela falta do elemento palpável que os conectava ao passado ancestral, em uma eterna busca de si.

De modo a exemplificar a presença da ancestralidade contínua na obra, tomemos o caso de Esi, para quem a pedra simbolizava sua antiga vida, suas tradições e crenças, antes de ser capturada para ser vendida e explorada: “O golpe tinha feito saltar a pedra de sua bata, e ela a encontrou ali perto no chão. Chorou ainda mais forte, agora tentando distraí-los. Então encostou a cabeça na pedra negra e lisa. O frescor da pedra abrandou sua dor” (GYASI, 2017, p. 75). Ela buscou seu amuleto por ser familiar e capaz de amenizar a dor do sofrimento que estava sentindo. A perda desse elemento tão importante, combinada com as atrocidades do processo de escravização, acarretou em uma história de amargura e arrependimento, como podemos notar em seu sentimento infeliz de ter sido “amaldiçoada e sem irmã, [...] deixada sem a pedra da sua mãe” (GYASI, 2017, p. 111).

Além da pedra negra, outra simbologia construída no romance que representa o segundo tipo de manifestação ancestral aqui debatido, o da retomada das raízes familiares e suas tradições, é a metáfora do fogo. Maame também é responsável pela criação dessa marca, dado que ela inicia um incêndio na noite em que dá à luz a Effia e, em seguida, foge para a terra dos Axântis para ser livre e construir uma nova família. A imagem do fogo é uma metáfora que criará um efeito memorialístico ao longo da obra, conectando as personagens futuras ao fogo ancestral da criação da família base da narrativa.

Com a visão do fogo, “ele [o pai de Effia] soube que a lembrança do fogo que queimou e depois fugiu atormentaria a ele, aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos por todo o tempo que sua linhagem perdurasse” (GYASI, 2017, p.13). E é exatamente isso que ocorre, principalmente com os descendentes de Effia, uma vez que ela pode ser considerada a filha do fogo, ou “a mulher-fogo”, por ter nascido no momento do incêndio. Sua bisneta, a personagem Akua, pode servir de ilustração para o fato ao ponderarmos que seu corpo se encontra tão conectado com as forças ancestrais, que todas as noi-

tes ela sonha com fogo, como verificado no seguinte trecho: “Nos seus sonhos, o fogo tinha a forma de uma mulher segurando dois bebês junto ao peito. A mulher-fogo levava consigo essas duas meninas até o interior da floresta, e depois os bebês desapareciam” (GYASI, 2017, p. 263).

Seus sonhos acarretaram na morte de dois de seus filhos, quando sonhou com a mesma mulher e as crianças, chegando a tocá-las. A personagem foi acordada e descobriu que tentava incendiar seus filhos, conseguindo salvar um deles, Yaw. Ao ponderar sobre esses acontecimentos e ao investigar a origem do nome Akua, verificamos que seu próprio nome pode ser visto como uma referência à ancestralidade que, ao mesmo tempo que nesse primeiro momento é uma maldição, depois veremos ser a fonte de seu conhecimento ancestral.

De acordo com a tradição Akan, é comum a nomeação dos filhos seguindo o dia da semana em que eles nascem. Para eles, o dia do nascimento dos indivíduos revela características de sua personalidade e influencia comportamentos futuros e o seu destino (AGYEKUM, 2006). Segundo o professor ganense Kofi Agyekum (2006), Akua é um nome feminino destinado a mulheres que nascem na quarta-feira, que designaria o “mal” ou algo perverso. Assim, inferimos que seu nome poderia fazer referência ao lado maligno de Akua, os sonhos pensados como algo ruim, causador do fogo que ocasionou a morte de dois de seus filhos.

O filho que foi salvo carregou por toda a sua vida as cicatrizes daquela noite e, conseqüentemente, as marcas do fogo ancestral herdado pela família. A memória, materializada na cicatriz de Yaw, interliga e constitui sua identidade e seu passado e de toda a sua família, como visto na fala de Akua, em diálogo com Yaw após décadas sem contato: “Como vou poder lhe contar a história da sua cicatriz sem primeiro lhe contar a história dos meus sonhos? E como vou falar dos meus sonhos sem falar da minha família? Da nossa família?” (GYASI, 2017, p. 356). A cicatriz é, portanto, uma memória palpável e metafórica concomitantemente, uma vez que sua materialidade enquanto componente físico do corpo de Yaw evoca a lembrança de um acontecimento passado em sua vida e, também, sua presença faz uma referência simbólica à ancestralidade familiar, a partir da figura do fogo.

Citando as palavras de Oliveira (2005),

a ancestralidade é como um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido está a verticalidade do tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência (OLIVEIRA, 2005, p. 249).

Assim, a existência negra é constituída pela combinação de fios que, entrelaçados, concebem a ancestralidade. Ela deve ser vista como um espaço-tempo complexo que é, ao mesmo tempo, ser e passado. Esse passado não é de simples compreensão, já que é um passado que também perpassa o futuro e, sobretudo, o presente dos sujeitos. A ancestralidade é o próprio corpo negro e o romance de Yaa Gyasi tem o potencial de representar a presença ancestral permanente desses corpos.

MAMA ÁFRICA E OS CORPOS FEMININOS ANCESTRAIS

A ideia da ancestralidade negra também está associada à figura feminina. Para entendermos essa relação, é necessário relembrar conhecimentos aprendidos desde os anos iniciais de escolarização que postulavam que “a África é o berço da humanidade”. Essa premissa referencia os estudos arqueológicos que apontam o continente como local de surgimento do grupo de *Homo sapiens*. Se pararmos para pensar na metáfora do “berço”, percebemos que a imagem materna do continente africano está instalada em nossa mente desde sempre, já que a partir da diáspora, o continente “ganhou” essa significação de origem.

Como a obra estudada é ambientada, em grande parte, em Gana, considera-se fundamental fazer algumas considerações acerca desse território e sua relação com a figura feminina. Segundo a historiadora alemã Heide Göttner-Abendroth (2013), os povos Akan, que incluem os povos axântis e fantis de Gana, originaram-se em outras regiões do continente africano e há o registro de serem governados pela rainha-mãe Ameyaa Kese, ou “Ameyaa, a Grande”. Göttner-Abendroth afirma que em 1295, ela fundou o reino de Bono, situado no norte de Gana e “graças à descoberta de ouro, tornou-se o reino mais rico e culturalmente mais avançado da região” (GÖTTNER-ABENDROTH, 2013, p. 394, tradução nossa).

A autora denota que o reino existiu até 1740, quando foi dominado pelo grupo axânti, sendo igualmente influenciando fortemente pelo reinado matriarcal de Bono. Göttner-Abendroth (2013) também demonstra que o reinado foi finalmente destruído em 1901 pelo domínio colonial inglês. Além disso, a pesquisadora observa que a cultura matriarcal dos reinos Akan começou a sofrer um grande declínio em razão das influências patriarcais do Islã com seus ideais espalhados pela África. No entanto, é possível observar que a matrilinearidade e suas regras de herança resistiram e se mantiveram na cultura axânti, contando com um grande número de mulheres politicamente importantes, seus clãs matriarcais modificados e a instituição da rainha-mãe e do rei (GÖTTNER-ABENDROTH, 2013).

A partir dessa contextualização sobre a cultura matriarcal e matrilinear dos povos axântis, podemos pensar na importância das personagens femininas dentro da obra e, sobretudo, a relevância da mãe de Esi e Effia, Maame. Como mencionado, a personagem originalmente pertencia ao grupo axânti, sendo capturada e escravizada pelo grupo fanti e, posteriormente, conseguindo retornar para seu lar em um grande incêndio na noite do nascimento de Effia, na aldeia Fanti. A obra não explora a relação matriarcal e matrilinear da sociedade axânti, nem a mudança dessa realidade na vida de Maame quando foi capturada para servir a sociedade fanti. Em realidade, a personagem fica em segundo plano da narrativa, tendo suas filhas, netos e netas como protagonistas da história e aparece como subjulgada pelo seu marido. No entanto, consideramos a figura da Maame fundamental para a obra e sua presença possibilita uma leitura ligada à ancestralidade de mulheres negras e sua importância para o território africano.

Ao mesmo tempo, é imprescindível mencionar crenças dos povos ganeses que consideram que as mulheres possuem um vínculo ancestral com a terra, visto que a mulher é representada por uma deusa em diversas etnias de Gana (BLAY, 2009). A deusa carrega a significação da Terra “como um espírito feminino por causa de sua fertilidade e poder de gerar vida e personalizar-se como mãe, visto que os seres humanos dependem dela para sua contínua nutrição e sustento (BLAY, 2009, p. 73, tradução nossa). Desse modo, suas palavras sugerem a ligação da Terra com uma figura divina materna tipicamente africana.

Assim como acontece com a relação de elo ancestral com a terra, a simbologia da Mãe-África está presente na cultura negro-africana, principalmente nas suas manifestações artísticas. Um exemplo brasileiro deste fato é a canção *Mama África*, lançada em 1995 pelo poeta e compositor paraibano Chico César, na qual o eu lírico relaciona a mãe ancestral originária às mães negras de classe baixa brasileiras:

Mama África
A minha mãe
É mãe solteira
E tem que
Fazer mamadeira
Todo dia
Além de trabalhar
Como empacotadeira
Nas Casas Bahia
(CÉSAR, 2022)

Os versos descrevem a realidade de uma mãe negra que está dividida entre cuidar de seus filhos e trabalhar como empacotadora — um emprego de baixa remuneração — em uma loja popular brasileira. A canção de César não cita diretamente a violência do passado do continente, mas podemos sugerir que o eu-lírico, ao evocar a figura materna africana, seguida da descrição de sua própria mãe, cria um vínculo desse passado com o presente. Ou seja, os sofrimentos vividos pela Mãe-África há séculos ressoam no futuro de mulheres negras na contemporaneidade.

Essa produção artística relaciona-se com o romance *O caminho de casa*, visto que Yaa Gyasi escreve uma obra que não somente descreve o sofrimento dos filhos e filhas da África no período de colonização, como também retrata como o passado ancestral marca profundamente os corpos negros em todas as gerações posteriores.

Para além disso, gostaríamos de propor a presença da Mãe África na obra literária debatida a partir da figura de Maame na tentativa de defender que sua presença na obra é uma metonímia para a África. Para explicar essa ideia, primeiramente, se pensarmos o romance de Yaa Gyasi como uma representação da experiência africana e seus descendentes desde antes da colonização até a contemporaneidade, como têm sido desenhado ao longo deste estudo, torna-se possível a aproximação de Maame como símbolo de África.

Assim, como Maame é mãe de Esi e Effia e as duas personagens desencadeiam toda a narrativa e são responsáveis pela continuação da linhagem familiar, compreendemos que ela é uma representação do continente, mãe ancestral de todos os seres e protagonistas dessa história.

Ademais, para corroborar com essa tese, retomaremos o elemento da pedra negra e da metáfora do fogo dentro da obra, figuras que trazem a representação da ancestralidade sob forma de regresso às raízes e às tradições familiares. Como mencionado, a pedra negra é um amuleto recebido por Esi e Effia de sua mãe, Maame, cuja cor pode ser uma referência à raça negra predominante no continente africano e, nessa interpretação, o ato de voltar-se ao pingente em momentos desafiadores simbolizaria a busca ancestral às raízes negras da África ou, até mesmo, uma evocação de empoderamento negro.

Além disso, a simbologia da cor preta também pode ser investigada levando em consideração a crença dos grupos culturais ganenses. Conforme explicita Blay (2009), os simbolismos das cores são importantes para os povos africanos, principalmente no que se refere às suas práticas espirituais. A cor preta, para as etnias da região de Gana, possui o sentido simbólico negativo de escuridão, perda e morte, mas também pode ser visto como meio de expressão da potência espiritual dos indivíduos (BLAY, 2009). No caso do amuleto do romance de Gyasi, podemos considerar a condição simbólica positiva da cor e interpretar que a pedra em questão simbolizaria a ligação espiritual das filhas com a mãe e, conseqüentemente, com o continente africano.

Por outro lado, também é possível analisar a pedra negra para além de sua coloração, pensando no valor simbólico do objeto em si. Cada mitologia contempla a pedra com uma significação em particular, assim, a crença greco-romana observa a pedra como uma simbologia da Terra-mãe, fazendo referência à "Pedra Negra de Pessinonte (na Ásia Menor), que era a expressão concreta da Grande Deusa Mãe, Cibele" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 699, grifos dos autores). Assim, a pedra negra seria, de acordo com essa simbologia, uma expressão da deusa Cibele, concebida como a Mãe de todos os deuses.

Essa crença mitológica é próxima da tradição de Gana já explorada na seção anterior, dado que, na perspectiva ganense, a Terra é representada por uma deusa. Além disso, essa crença é similar em relação à grega ao perceber que as pedras também são consideradas manifestações divinas dos deuses e fonte de criação dos seres humanos, segundo os povos africanos (MARTIN, 2009, p. 581).

As semelhanças indicam que ambas as culturas tomam a pedra como elemento representativo da Terra, também a relacionando com a criação de tudo e todos. A pedra negra, que carrega a simbologia da Terra-Mãe, é passada no romance de Gyasi por gerações para cada descendente, tendo início na Grande Mãe, Maame. Esse movimento de passar a pedra de geração em geração também pode ser interpretado como uma metáfora da transmissão dos costumes, dos elementos culturais e, sobretudo, da essência dos povos negros evocada pela ancestralidade no decorrer dos séculos. Ou seja, o amuleto carrega a significação da origem ancestral dos povos negros e o fato de ser passado de mão em mão poderia significar a permanência dos valores ancestrais no corpo e na mente dos sujeitos negros ao longo do tempo.

A partir da significação da pedra como início da humanidade, criamos uma analogia com o continente africano, uma vez que lhe é atribuído o nascimento da humanidade, como vimos anteriormente. Assim como a pedra-África é o fundamento de todos os seres humanos, a ancestralidade do povo negro está presente em todo lugar e é indispensável para a existência humana.

Como dissemos, outro símbolo repetidamente evocado na obra é a imagem do fogo, que está presente em dois momentos cruciais da narrativa: no nascimento de Effia, quando Maame consegue escapar da aldeia Fanti e na ocasião em que Esi é capturada, dando início à sua história de escravização. Se notarmos o contexto desses acontecimentos narrados, podemos perceber que o fogo se faz presente no romance em momentos marcantes relacionados ao conflito de povos do continente africano.

A fuga de Maame, por exemplo, só foi possível graças aos conflitos civis entre os povos Axântis e Fantis em Gana. Assim, ao associar a imagética do fogo com a divindade Ogum, cultuada na África ocidental como o deus da guerra e do ferro, sendo relacionado ao fogo por sua força e poder (MAZAMA, 2009), compreendemos que o incêndio ocorrido no momento da fuga de Maame poderia simbolizar as guerras civis que conferem tom desarmônico à história do continente. De modo semelhante, acreditamos que o fogo ocorrido na noite da captura de Esi pode ligar-se com a história da colonização da África, devastada e ferida pelas chamas da violência, exploração de riquezas naturais e escravização de seus filhos.

Ao mesmo tempo, o sentido mais relevante do elemento fogo na obra é o relacionado com a crença africana. Weckea Lilly (2009) denota que o fogo cumpre um papel central na maneira como os povos africanos observam e entendem o universo. Para essas culturas, o fogo é um aspecto de todos os sistemas espirituais e uma simbologia comum é a dualidade entre a vida e morte, sendo o fogo um elemento capaz de sustentar a ambos (LILY, 2009). Essas simbologias são valiosas para este estudo quando percebemos que as duas manifestações de fogo na obra também são momentos de morte e vida ou nascimento.

Nascimento, uma vez que o primeiro incêndio mencionado ocorreu na nascença de Effia. E morte, pois antes de Esi ser capturada, infere-se que Maame desiste de lutar, abrindo o questionamento sobre sua morte. Em suas palavras: "Não posso fazer isso de novo. [...] Chega de incêndio" (GYASI, 2017, p. 69). A mãe ordena Esi a fugir e, após isso, a narrativa não indica o seu futuro.

Outra visão do fogo consoante às crenças de muitos países da África aponta para o elemento "visto como a porta de entrada para o mundo dos ancestrais, aquele que possui essa característica é capaz de interpretar sonhos e vidas no futuro" (LILY, 2009, p. 268, tradução nossa). No livro *O caminho de casa*, a imagética do fogo ancestral merece destaque, sobretudo ao pensar na personagem Akua. Como vimos, ela é visitada nos sonhos pela mulher-fogo e isso acarreta na tragédia com seus filhos. Além da simbologia tradicional africana do elemento aqui debatido, a própria narrativa indica que os sonhos vivenciados são uma expressão ancestral das raízes familiares, como vemos em:

Marjorie achava que via a mulher-fogo no clarão azul e laranja do fogão, em carvões incandescentes, em isqueiros. Ela receava que os pesadelos também se abatessem sobre ela, que ela também fosse escolhida pelos ancestrais para ouvir as histórias da família, mas os pesadelos nunca ocorreram e, com o tempo, seu medo do fogo tinha se abrandado. Mas, de vez em quando, ela ainda podia sentir um aperto no coração quando via fogo, como se a sombra da mulher-fogo ainda a assediasse (GYASI, 2017, p. 406, grifos nossos).

A partir do temor de Marjorie, interpretamos que o fogo aparece para Akua como uma materialização espiritual de Maame, ao aparecer nos sonhos da personagem a partir da imagem de uma "mulher-fogo". Akua nasce com o dom do fogo ancestral e, assim como prevê a tradição africana, ela é escolhida por Maame para interpretar os sonhos, as manifestações das histórias passadas de seus antepassados e, assim, propagar seus ensinamentos para as futuras gerações.

Gostaríamos de estender essa significação retomando a metáfora do incêndio enquanto violência e exploração histórica sofrida pelo continente. Ou seja, sugerimos que o retorno espiritual de Maame materializado no fogo também poderia simbolizar a ancestralidade, o movimento de lembrar seus descendentes sobre as dores sentidas no processo de colonização, corroborando com a nossa tese que contempla a personagem Maame como representação da África.

Entende-se que assim como a pedra negra pode se relacionar com a ancestralidade, o fogo também é ancestral e conecta os povos negros a um passado entranhado em suas subjetividades e que deve ser lembrado. Assim, apesar de representar a destruição em alguns momentos da obra, o fogo também pode ser lido como algo positivo, como sinônimo de luz e calor. Após toda sua devastação, a dor que resta dá força para a resistência dos sujeitos. Tal como o mito egípcio da ave de fogo Fênix, Maame observa sua ruína, para renascer em Akua como expressão de força e redenção de um passado doloroso.

Na obra de Gyasi, a mulher-fogo pode ser considerada uma materialização dessa ancestralidade, que inspira Akua a lembrar o passado doloroso de sua família e de seu povo e a estimular a difundir esse conhecimento para os outros membros de sua família, como seu filho, Yaw, e sua neta, Marjorie. A dor sentida por seus antepassados não é mais fisicamente sentida, ela é transformada em potência de resistir.

Todos os símbolos aqui trazidos podem servir de aporte para considerarmos a personagem Maame como uma metonímia para o continente africano com base na posição familiar que ela ocupa e, sobretudo, com base em uma reflexão sobre os elementos do fogo e da pedra negra que contornam a sua experiência dentro da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as representações da ancestralidade no romance *O caminho de casa* (2017), da autora ganense Yaa Gyasi. A obra, apesar de se abrir para inúmeras possibilidades de pesquisa, foi analisada apenas sob sua perspectiva ancestral, dada a brevidade de um artigo científico. Primeiramente apresentamos a autora e, então, o romance, que tem mulheres como personagens principais e que conta a história de uma família no decorrer de sete gerações.

Percebemos a marca da ancestralidade passando por tais gerações de várias formas, mas esta pesquisa se ateuve a dois símbolos – a pedra e o fogo – que notamos demonstrar e representar bastante bem o significado da herança ancestral.

Falamos das relações ancestrais entre as personagens, umas que recebem a pedra negra e passam às suas descendentes e outras que têm o fogo presente em suas trajetórias de diversas formas. Por outro lado, também observamos como essas personagens são metonímicas, representativas de dezenas de milhares de africanos diaspóricos. Vimos como a figura da Maame, aquela que dá origem a todas as personagens, se constrói como o próprio continente, como mãe, não só de seus filhos africanos, mas de toda humanidade: a Mama África, bem entoadada por Chico César.

Não podemos deixar de sublinhar ainda, como o romance é cíclico: começa e termina em África, demonstrando como a ancestralidade mantém vivo o elo entre os pares, mesmo que de forma não tão consciente, como ocorre com a personagem Marcus.

Ao final, a linhagem que carrega a tão simbólica e preciosa pedra negra, na figura de Marjorie, encontra com a que mantém o fogo - Marcus. E, mais uma vez, em um encontro/retorno ancestral entre eles em África volta-se ao princípio, ao berço. Marjorie tira do pescoço seu colar com a pedra que brilhava no sol e pendura no de Marcus. Os dois na praia, no Atlântico – lugar de chegada e lugar de partida – e disse “Bem-vindo ao lar”.

REFERÊNCIAS

- ADEBANWI, Wale. Death, national memory and the social construction of heroism. **The Journal of African History**. v. 49, n. 3, nov. 2008, p. 419-444. <https://doi.org/10.1017/S0021853708003642>.
- AGYEKUM, Kofi. The Sociolinguistic of Akan Personal Names. **Nordic Journal of African Studies**, v. 15, n. 2, 2006. <https://doi.org/10.53228/njas.v15i2.24>
- BLAY, Yaba Amgborale. Color Symbolism. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.
- BLAY, Yaba Amgborale. Asase Yaa. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.
- CÉSAR, Chico. Chico César. **Mama África** (Remasterizado). YouTube, 2022. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=xKL_aJecNjg > Acesso em: 10 nov. 2022
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raúl de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- GOETTNER-ABENDROTH, Heide. **Matriarchal societies**: Studies on indigenous cultures across the globe. Translated by K. Smith. New York: Peter Lang, 2012
- GYASI, Yaa. **O caminho de casa**. Tradução de Waldéa Barcellos. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- LILLY, Weckea. Fire. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion**. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.
- MARTIN, Denise. Rocks and stones. In: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of**

African religion. Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

MAZAMA, Ama. Ogun. *In*: ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (eds.). **Encyclopedia of African religion.** Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2009.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade:** corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 353f. — Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2005.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade.** Ano XXI, n. 71, jul, 2000. p. 166-193. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008>.